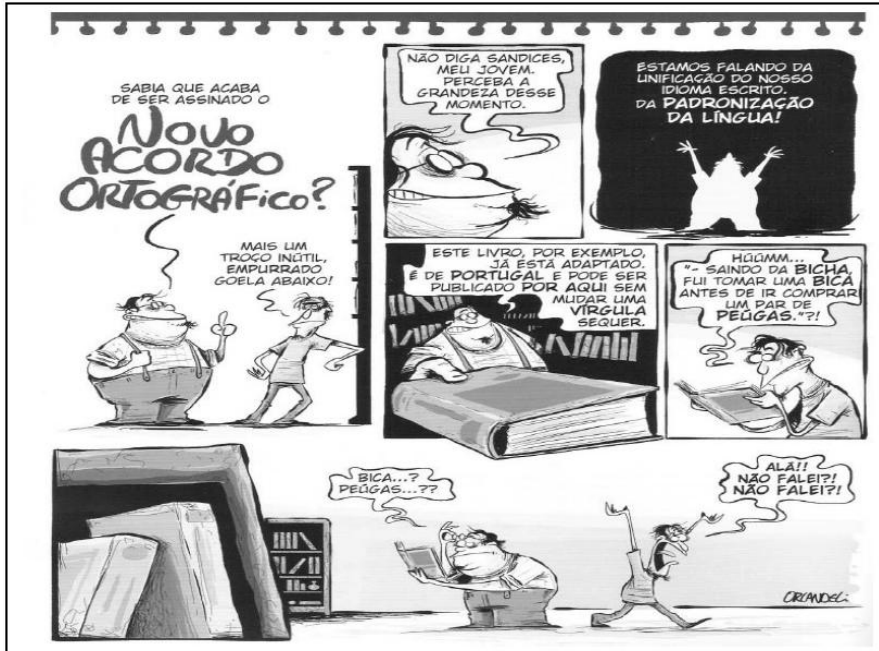


ORTOGRAFIA E EFEITOS DE SENTIDO

(UNICAMP – 2010)



Retirada de www.miriamsalles.info/wp/wp-content/uploads/acord

a) Qual é o pressuposto da personagem que defende o acordo ortográfico entre os países de língua portuguesa? Por que esse pressuposto é inadequado?

O pressuposto é o de que a unificação ortográfica garantiria a unidade linguística. Esse pressuposto é inadequado, uma vez que a língua não é constituída apenas por sua ortografia mas também por aspectos semânticos, sintáticos, morfológicos, fonológicos e discursivos que implicam a relação histórica do falante com a língua que se territorializa em um dado espaço e tempo.

b) Explique como, na tira ao lado, esse pressuposto é quebrado.

A quebra se dá na dificuldade de compreensão semântica de itens lexicais usados no português de Portugal como “bicha”, “bica” (que, no português brasileiro, têm significados diferentes) e “peúgas” (que não é usado no português do Brasil); explicita-se nessa quebra uma das várias diferenças entre o português brasileiro e o europeu.

* Gabarito oficial, publicado pela instituição.

(UNICAMP – 2009)

Reportagem da *Folha de São Paulo* informa que o presidente do Brasil assinou decreto estabelecendo prazos para o país colocar em prática o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que unifica a ortografia nos países de língua portuguesa. Na matéria, o seguinte quadro comparativo mostra alterações na ortografia estabelecidas em diferentes datas:

Após as reformas de 1931 e 1943	Eles estão tranquilos, porque provavelmente não crêem em fantasmas.
Após as alterações de 1971	Eles estão tranquilos, porque provavelmente não crêem em fantasmas.
Após o novo acordo, a vigorar a partir de janeiro de 2009	Eles estão tranquilos, porque provavelmente não creem em fantasmas.

Sobre o acordo, a reportagem ainda informa:

As regras do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que entram em vigor no Brasil a partir de janeiro de 2009, vão afetar principalmente o uso dos acentos agudo e circunflexo, do trema e do hífen. Cuidado: segundo elas, você não poderá mais dizer que foi mordido por uma jibóia, e sim por uma jiboia. (...)

(Adaptado de E. Simões, “Que língua é essa?”. *Folha de S.Paulo*, Ilustrada, p. 1, 28/09/2008.)

a) O excerto acima supõe que alterações ortográficas modifiquem o modo de falar uma língua. Mostre a palavra utilizada que permite essa interpretação. Levando-se em consideração o quadro comparativo das mudanças ortográficas e a suposição expressa no excerto, explique o equívoco dessa suposição.

A palavra a ser mostrada é dizer. O equívoco reside na concepção de que mudanças ortográficas afetam o modo de falar das pessoas. O quadro comparativo é um bom exemplo de que diferentes formas ortográficas não alteraram a pronúncia das palavras.

Ainda sobre a reforma ortográfica, Diogo Mainardi escreveu o seguinte:

Eu sou um ardoroso defensor da reforma ortográfica. A perspectiva de ser lido em Bafatá, no interior da Guiné-Bissau, da mesma maneira que sou lido em Carinhonha, no interior da Bahia, me enche de entusiasmo. Eu sempre soube que a maior barreira para o meu sucesso em Bafatá era o C mudo [como em facto na ortografia de Portugal] (...)

(D. Mainardi, "Uma reforma mais radical". Revista VEJA, p. 129, 8/10/2008.)

b) O excerto acima apresenta uma ironia. Em que consiste essa ironia? Justifique.

A ironia consiste no pressuposto de que a unificação ortográfica bastaria para promover uma maior inserção geográfica das publicações em português. Ou seja, indica-se ironicamente que há problemas muito mais sérios de acesso à escrita do que as eventuais diferenças na forma de grafar uma dada palavra. Essa ironia é construída por meio de uma alusão a duas cidades, pouco conhecidas, em regiões com dificuldade em múltiplos aspectos (sociais, econômicos, etc.). A escolha dos nomes de ambas as cidades também contribui na construção da ironia, uma vez que sua forma gráfica e sonora remete a relações específicas da história da língua no país colonizado (Brasil e Guiné-Bissau). Mesmo que não saibamos especificamente seu significado, temos uma memória de língua que nos faz remeter 'Carinhonha' a uma língua indígena e 'Bafatá' a uma língua africana ou, ao menos, as tomamos como palavras estranhas à língua portuguesa. A ironia está presente também na afirmação do autor do excerto de que é "um ardoroso defensor da reforma ortográfica", ou ainda, de que a maior barreira para o seu sucesso seria o C mudo.

* Gabarito oficial, publicado pela instituição.

(FUVEST – 2010)

Leia este texto.

O ano nem sempre foi como nós o conhecemos agora. Por exemplo: no antigo calendário romano, abril era o segundo mês do ano. E na França, até meados do século XVI, abril era o primeiro mês. Como havia o hábito de dar presentes no começo de cada ano, o primeiro dia de abril era, para os franceses da época, o que o Natal é para nós hoje, um dia de alegrias, salvo para quem ganhava meias ou uma água-de-colônia barata. Com a introdução do calendário gregoriano, no século XVI, primeiro de janeiro passou a ser o primeiro dia do ano e, portanto, o dia dos presentes. E primeiro de abril passou ser um falso Natal _ o dia de não se ganhar mais nada. Por extensão, o dia de ser iludido. Por extensão, o Dia da Mentira.

Luís F. Veríssimo, **As mentiras que os homens contam**. Adaptado.

a) Tendo em vista o contexto, é correto afirmar que o trecho "meias ou uma água-de-colônia barata" deve ser entendido apenas em seu sentido literal?

Justifique sua resposta.

Não. No trecho apresentado, "meias" e "água-de-colônia" representam uma infinidade de presentes que não agradam, o que provoca no leitor a interpretação de que para os franceses da época, o primeiro de abril era um dia de alegria por se ganhar presentes, com exceção daqueles que eram presenteados com itens não desejados, não necessariamente meias ou água de colônia barata.

b) Crie uma frase que contenha um sinônimo da palavra "salvo" (L. 4), mantendo o sentido que ela tem no texto.

Compramos presentes para todos, exceto para aqueles que não confirmaram presença na festa.

(FUVEST – 2007)

Sair a campo atrás de descobridores de espécies é uma expedição arriscada. Se você não é da área, vale treinar um "biologuês" de turista. Mas, mesmo quem não tem nada a ver com o pato-mergulhão ou a morfologia da semente da laurácea, pode voltar fascinado da aproximação com esses especialistas. De olhos nos livros e pés no mato, eles etiquetam a natureza, num trabalho de formiga. São minoria que dá nome aos bois - e a plantas, aves, mosquitos, vermes e outros bichos.

Heloisa Helvécia, **Revista da Folha**.

a) Transcreva do texto as expressões que mais diretamente exemplificam o "biologuês" mencionado pela autora.

As expressões que mais diretamente exemplificam o "biologuês" mencionado no texto são "pato-mergulhão" e "morfologia da semente da laurácea".

b) Tomada em seu sentido figurado, como se deve entender a expressão "dar nome aos bois", utilizada no texto?

A expressão "dar nome aos bois", em seu sentido figurado, deve ser entendida como "atribuir nome a seres ou coisas até então desconhecidas".

(FUVEST – 2009)

Examine a tirinha e responda ao que se pede.



Quino, **Mafalda 2**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

a) O sentido do texto se faz com base na polissemia de uma palavra. Identifique essa palavra e explique por que a indicou.

A polissemia ocorre com a palavra “veículo”. O sentido presente no primeiro quadrinho (“a TV é um veículo de cultura”) é de “capaz de transmitir, propagar ou difundir algo”, sendo sinônimo de “meio” na expressão “meio de comunicação”. Na fala de Mafalda, aparece um segundo sentido para “veículo”, o qual se faz entender como “meio de transporte”. Esse último sentido fica explícito pela frase que o acompanha “saltava e ia a pé”.

b) A tirinha visa produzir não só efeito humorístico, mas também efeito crítico. Você concorda com essa afirmação? Justifique sua resposta.

Além de produzir humor com o uso da polissemia do vocábulo “veículo”, a tira faz uma crítica à televisão, que apesar de ser vista como “veículo de cultura”, transmite programas violentos, como se pode perceber nos sons apresentados no terceiro quadrinho. Isso caracteriza uma crítica ao conteúdo transmitido pela televisão, o qual está repleto de cenas de violência.

(UNICAMP – 2010)



Retirada de www.eitapiula.net/2009/09/aurelio.jpg

Nessa propaganda do dicionário Aurélio, a expressão “bom pra burro” é polissêmica, e remete a uma representação de dicionário.

a) Qual é essa representação? Ela é adequada? Justifique.

A representação aludida é a de que o dicionário é o “pai dos burros”, associando o uso do dicionário à ignorância. Dito de outra forma, o dicionário serviria a quem não conhece a língua ou, mais do que isso, a quem a conhece mal.

É inadequado associar ignorância ao uso do dicionário: a representação pressupõe que as pessoas possam conhecer todas as palavras de uma língua e seus significados, ou ainda, que o dicionário possa conter todas as palavras e os significados de uma língua. Diferentemente, o dicionário é um objeto histórico e só imaginariamente poderia conter todas as palavras e os significados de uma língua, que também é histórica. O dicionário, assim como qualquer outro instrumento linguístico, é resultado de interpretações sobre a língua e não um retrato da realidade dessa língua, além de ser um importante instrumento de consulta.

b) Explique como o uso da expressão “bom pra burro” produz humor nessa propaganda.

“Pra burro” é frequentemente associado à intensidade, quantidade, ao advérbio ‘muito’. Assim, a expressão “bom pra burro” significa ‘muito bom’. Ao vir junto à imagem de um dicionário, permite a associação à expressão “pai dos burros” (representação estabilizada de dicionário). O humor é provocado, portanto, pela convivência das duas associações no uso da expressão, colocando lado a lado a qualidade de ser muito bom e a imagem estereotipada de ser destinado a pessoas burras.

* Gabarito oficial, publicado pela instituição.

(FUVEST – 2009)

Considere as seguintes frases, extraídas de diferentes matérias jornalísticas, e responda ao que se pede.

- I. Nos últimos meses, o debate sobre o aquecimento global vem, com perdão do trocadilho, esquentando.
II. Preso vigia acusado de matar empresário.

a) Identifique, na frase I, o trocadilho a que se refere o redator e explique por que ele pede perdão por tê-lo produzido.

O trocadilho a que se refere o redator ocorre no trecho “o debate sobre o aquecimento global vem (...) esquentando”, uma vez que “aquecimento” e “esquentando” são palavras do mesmo campo semântico, porém “esquentando” foi usado com sentido figurado, significando que o debate está se intensificando. O redator pede perdão por se tratar de um assunto extremamente sério de maneira informal e de um modo que poderia ser interpretado como brincadeira.

b) É correto afirmar que na frase II ocorre ambigüidade? Justifique sua resposta.

Sim. O primeiro sentido que se pode inferir da frase é que um preso vigia um acusado de matar empresário, e o segundo sentido é que foi preso vigia que era acusado de matar empresário. Essa ambigüidade se dá pela homonímia perfeita entre “vigia”, substantivo e verbo, e “preso”, substantivo e verbo.

(UNICAMP – 2008)

O seguinte enunciado está presente em uma campanha publicitária de provedor de Internet:

Finalmente um líder mundial de Internet que sabe a diferença entre acabar em pizza e acabar em pizza. Terra. A Internet do Brasil e do mundo.

a) A propaganda joga com um duplo sentido da expressão “acabar em pizza”. Qual é o duplo sentido?

Na expressão ‘acabar em pizza’, ambos os sentidos referidos na propaganda apontam para a finalização de algo (‘acabar em’). Um dos sentidos se refere a uma situação festiva: ao ato de se comer pizza ao final de algum processo ou evento, simbolizando alegria, confraternização, distensão, informalidade próprios de uma celebração, por exemplo. O outro sentido da expressão se refere, a partir de uma relação com a imagem da política brasileira, à falta de resolução real de problemas, como, mais recentemente, o do “mensalão”, entre outros. Nesse sentido, ‘acabar em pizza’ simboliza falta de seriedade, nomeadamente, a dificuldade presente no cenário de nosso país em se dar uma consequência efetiva a questões sérias.

b) A propaganda trabalha com esse duplo sentido para construir a imagem de um provedor que se insere em âmbitos internacional e nacional. De que modo a expressão “acabar em pizza” ajuda na construção dessa imagem?

Ao mostrar que esse provedor da Internet conhece os dois sentidos de ‘acabar em pizza’, ou seja, que domina sutilezas do uso da língua, das expressões mais atuais brasileiras, a propaganda sugere que o provedor, apesar de internacional, tem um bom conhecimento sobre o Brasil, sobre o mercado brasileiro. Não se cobrará, mas é relevante salientar que a propaganda caracteriza como uma qualidade intrínseca ao Brasil o sentido pejorativo da expressão ‘acabar em pizza’, apresentado como símbolo de ingerência e impunidade políticas. A propaganda se sustenta, assim, de maneira irresponsável, por meio de um argumento de marketing estereotipado, baseado na reafirmação de um equívoco político.

* Gabarito oficial, publicado pela instituição.

(FUVEST – 2007)

Salão repleto de luzes, orquestra ao fundo, brilho de cristais por todo lado. O crupiê distribui fichas sobre o pano verde, cercado de mulheres em longos vestidos e homens de black-tie**. A roleta em movimento paralisa o tempo, todos retêm a respiração. Em breve estarão definidos a sorte de alguns e o azar de muitos. Foi mais ou menos assim, como um lance de roleta, que a era de ouro dos cassinos - maravilhosa para uns, totalmente reprovável para outros - se encerrou no Brasil. Para surpresa da nação, logo depois de assumir o governo, em 1946, o presidente Eurico Gaspar Dutra pôs fim, com uma simples penada, a um dos negócios mais lucrativos da época: a exploração de jogos de azar, tornando-os proibidos em todo o país. (...)*

Jane Santucci, “O dia em que as roletas pararam”, **Nossa História**.

* crupiê: empregado de uma casa de jogos

** black-tie: smoking, traje de gala

a) No texto acima, a autora utiliza vários recursos descritivos. Aponte um desses recursos. Justifique sua escolha.

Pode-se destacar a descrição do ambiente do cassino: “salão repleto de luzes, orquestra ao fundo, brilho de cristais por todo lado (...) cercado de mulheres em longos vestidos e homens de black-tie”. Essa descrição é importante porque, com a adjetivação, um dos principais recursos da descrição, caracteriza o salão como um lugar exuberante e oferece uma prova de que o cassino era um negócio lucrativo, como explicitado na última parte do trecho.

b) A que fato relatado no texto se aplica a comparação “como num lance de roleta”?

A comparação "como num lance de roleta" se aplica ao modo repentino como os cassinos foram legalizados no país.

(FUVEST – 2005)

Leia o seguinte texto:

Os irmãos Villas Bôas não conseguiram criar, como queriam, outros parques indígenas em outras áreas. Mas o que criaram dura até hoje, neste país juncado de ruínas novas.

a) Identifique o recurso expressivo de natureza semântica presente na expressão "ruínas novas".

Ocorre o recurso semântico denominado antítese, pois opõe duas idéias: ruínas (o antigo) e novas (o atual)

b) Que prática brasileira é criticada no trecho "país juncado (=coberto) de ruínas novas"?

O trecho critica o fato de edifícios recém construídos e que caíram devido à falta de competência de engenheiros e construtores diferentemente das ruínas que se deterioraram com o tempo. Além disso, vale lembrar o tradicional descaso em relação ao patrimônio histórico-cultural que implica degradação e, por vezes, até depredação desse patrimônio, gerando "novas ruínas".

(FUVEST – 2006)

Em um piano distante, alguém estuda uma lição lenta, em notas graves. (...) Esses sons soltos, indecisos, teimosos e tristes, de uma lição elementar qualquer, têm uma grave monotonia. Deus sabe por que acordei hoje com tendência a filosofia de bairro; mas agora me ocorre que a vida de muita gente parece um pouco essa lição de piano. Nunca chega a formar a linha de uma certa melodia. Começa a esboçar, com os pontos soltos de alguns sons, a curva de uma frase musical; mas logo se detém, e volta, e se perde numa incoerência monótona. Não tem ritmo nem cadência sensíveis.

Rubem Braga, **O homem rouco.**

a) O autor estabelece uma associação poética entre a vida de muita gente e uma lição de piano. Esclareça o sentido que ganha, no contexto dessa associação, a frase "Nunca chega a formar a linha de uma certa melodia".

A frase "nunca chega a formar a linha de uma certa melodia" refere-se ao fato, apontado pelo autor, de que a vida humana não é coerente, não segue nenhuma lógica, ao contrário da melodia musical, que é escrita segundo certas regras. A expressão "lição lenta" nos permite inferir que aquela aula de piano nunca iria formar uma melodia musical, assim como a vida de muita gente.

b) "Deus sabe por que acordei hoje **com tendência a filosofia de bairro.**"

Reescreva a frase acima, substituindo a expressão sublinhada por outra de sentido equivalente.

"Deus sabe por que acordei hoje com vontade de fazer reflexões sem importância."

(FUVEST – 2006)

(...)
Num tempo
Página infeliz da nossa história
Passagem desbotada na memória
Das nossas novas gerações
Dormia
A nossa pátria mãe tão distraída
Sem perceber que era subtraída
Em tenebrosas transações
(...).

"Vai passar", Chico Buarque e Francis Hime.

a) É correto afirmar que o verbo "dormia" tem uma conotação positiva, tendo em vista o contexto em que ele ocorre? Justifique sua resposta.

Não. No contexto da música, o verbo dormir tem conotação equivalente à da expressão popular "dormia no ponto", ou seja, significa que a "pátria mãe" estaria sendo passada para trás, o que é confirmado nos dois últimos versos: "Sem perceber que era subtraída/Em tenebrosas transações".

b) Identifique, nos três últimos versos, um recurso expressivo sonoro e indique o efeito de sentido que ele produz. (Não considere a rima "distraída"/"subtraída".)

A aliteração estabelecida pela repetição das mesmas sonoridades na série de sílabas e palavras constituídas pela consoante "s" alusiva ao silêncio. Há também a aliteração do som "t", no verso "tenebrosas transações", que reforça o caráter obscuro das referidas transações.

(UNICAMP – 2009)

Leia os seguintes artigos do Capítulo VIII do novo Código Civil (Lei no. 10.406, de 10 de janeiro de 2002):

Art. 1.548. É nulo o casamento contraído:

I – pelo enfermo mental sem o necessário discernimento para os atos da vida civil;
II – por infringência de impedimento.

(...)

Art. 1.550. É anulável o casamento:

I – de quem não completou a idade mínima para casar;

(...)

VI – por incompetência da autoridade celebrante.

a) Os enunciados que introduzem os artigos 1.548 e 1.550 têm sentido diferente. Explique essa diferença, comparando, do ponto de vista morfológico, as palavras *nulo* e *anulável*.

No artigo 1.548, o casamento é considerado inexistente, isto é, sem efeito, desde que ocorram as condições arroladas. Já no artigo 1.550, o casamento é passível de ser tornado sem valor, desde que solicitado e observadas determinadas condições. Essa diferença é produzida pelo acréscimo do sufixo –ável (que tem o sentido de possibilidade de praticar ou sofrer uma ação) ao verbo anular. Com isso, anulável tem o sentido de “aquilo que pode ser anulado”, implicando assim a possibilidade de realização de um processo. Já em nulo, a idéia de processo inexistente, pois o seu sentido é de um evento sem validade. Portanto, conforme o artigo 1548, o casamento não se realiza juridicamente; pelo artigo 1550, o casamento é dado como realizado, porém, é passível de anulação.

b) Segundo o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001), *infringência* vem de *infringir* (violar, transgredir, desrespeitar) + *ência*. Compare o processo de formação dessa palavra com o de *incompetência*, indicando eventuais diferenças e semelhanças.

Diferentemente de infringência, palavra formada a partir de infringir por meio do acréscimo do sufixo –ência (que transforma um verbo em substantivo), incompetência apresenta um processo suplementar, já que inexistente o verbo incompetir. O verbo competir recebe igualmente o sufixo -ência e, posteriormente, a palavra formada (competência) recebe o prefixo in-, produzindo o sentido de ‘ausência de competência’.

Os versos seguintes fazem parte do poema “Um chamado João” de Carlos Drummond de Andrade em homenagem póstuma a João Guimarães Rosa. Trabalhe as próximas 2 questões a partir da leitura do poema.

João era fabulista?
fabuloso?
fábula?
Sertão místico disparando
no exílio da linguagem comum?

Projetava na gravatinha
a quinta face das coisas
inenarrável narrada?
Um estranho chamado João
para disfarçar, para farçar
o que não ousamos compreender?

Mágico sem apetrechos,
civilmente mágico, apelador
de precipites prodígios acudindo
a chamado geral?

(...)

Ficamos sem saber o que era João
e se João existiu
deve pegar.

(...)

(UNICAMP – 2008)

a) No título, 'chamado' sintetiza dois sentidos com que a palavra aparece no poema. Explique esses dois sentidos, indicando como estão presentes nas passagens em que 'chamado' se encontra.

'Chamado', presente no título do poema, encontra-se também na segunda estrofe, em 'um estranho chamado João', e na terceira estrofe, em '[acudindo] a chamado geral'.

Percebemos, no título, um trabalho de síntese dos dois sentidos de 'chamado' presentes nessas duas estrofes do poema.

Na passagem 'um estranho chamado João', 'chamado' significa "denominado". Não se cobrará, mas cabe explicitar que se trata de um particípio, com função adjetiva, que atribui ao '(homem) estranho' a qualidade de ser denominado como 'João'. Deve-se notar nesse trecho que João é um nome próprio muito comum, muito usual, que se presta a exemplificações do tipo "um João qualquer". Por isso, tratar 'João' como um termo que designa, nomeia, qualifica o homem, ressalta a singularidade desse específico João (Guimarães Rosa).

Na passagem '[acudindo] a chamado geral', 'chamado' significa "evocação", "convocação", "pedido". Igualmente não se cobrará, mas é importante notar que se trata de um substantivo, ou melhor, do mesmo particípio, substantivado na língua portuguesa.

No título, 'chamado' pode ser entendido na síntese dos sentidos acima descritos: pode-se ler, nesse enunciado, ora 'um (homem) chamado João', isto é, um homem denominado como João; ora, ainda, 'uma evocação denominada João', caracterizada como típica de João. Nesta leitura, João é quem caracteriza o chamado, sendo assim, João passa a ser uma qualidade, em função da força de sua obra. Sobretudo a um leitor familiarizado com o estilo de Guimarães Rosa, é lícito desenvolver mais profundamente este sentido: em última análise, a formulação permite-nos dizer que João é o próprio chamado.

b) Na primeira estrofe do poema, 'fábula' é derivada em 'fabulista' e 'fabuloso'. Mostre de que modo a formação morfológica e a função sintática das três palavras contribuem para a formação da imagem de Guimarães Rosa.

Em termos morfológicos, no primeiro verso, 'fábula', acrescido do sufixo -ista, gera 'fabulista' ("alguém que escreve fábulas"); no segundo verso, acrescido de -oso, gera 'fabuloso' ("imaginoso", "cheio de fábula", ou seja, "que tem a qualidade de ser incrível", "extraordinário"). O jogo com a formação morfológica das palavras contribui para a construção da imagem de Guimarães Rosa no poema, visto que sugere uma imitação do estilo do poeta homenageado.

Em termos sintáticos, as três palavras acabam por atribuir uma qualidade ao sujeito, visto que funcionam como seu predicativo. Nos versos 2 e 3 da primeira estrofe, essa função sintática – predicativo do sujeito – se reconhece pela percepção da elipse do verbo "era", presente no primeiro verso.

Desse modo, o sentido de 'fabulista' designa o profissional, destacando a atividade de escritor, ao passo que o de 'fabuloso' remete, de modo mais geral, a uma característica pessoal desse escritor, a de ser incrível. Já a construção '(era) fábula?' identifica o escritor com sua própria obra. Forma-se assim uma imagem do poeta como tão extraordinário, que supera o incrível ('fabuloso') e se confunde com o mito ('fábula').

(UNICAMP – 2008)

Na segunda estrofe, há dois processos muito interessantes de associação de palavras. Em "inenarrável/narrada" encontramos claramente um processo de derivação. Em "disfarçar/farçar", temos a sugestão de um processo semelhante, embora 'farçar' não conste dos dicionários modernos.

a) Relacione o significado de 'inenarrável' com o processo de sua formação; e o de 'farçar', na relação sugerida no poema, com 'disfarçar'.

O adjetivo 'inenarrável', derivado do verbo "narrar", é formado por um duplo acréscimo: o do sufixo -vel (que atribui ao adjetivo formado o sentido de uma possibilidade de praticar ou de sofrer uma ação), e o do prefixo in- (de valor privativo ou negativo). A junção dos dois afixos resulta na negação da possibilidade de algo ser narrado. Em 'farçar' temos um verbo que, no poema, se constrói a partir de 'disfarçar', do qual se retira o segmento dis-. Obtém-se, com isso, um termo não dicionarizado, que, por semelhança com outros termos, pode sugerir, ou a "ação de criar farsas", "falsear", "ludibriar", ou, ainda, interpretando-se dis- como privativo, "a ação de não disfarçar", isto é, "revelar", "mostrar".

b) Explique como esses processos contribuem na construção dos sentidos dessa estrofe.

'Inenarrável' qualifica, junto com 'narrada', o mesmo sintagma: 'a quinta face das coisas' (2º. verso da estrofe). Precisamente por ser justaposto a um termo contrário, e de mesma raiz, 'inenarrável' assinala um absurdo, ou melhor, explícita o extraordinário da narrativa alcançada por Guimarães Rosa. Em 'farçar', imitam-se procedimentos linguísticos típicos do escritor homenageado, ao se estimular uma associação etimológica não dicionarizada. A justaposição 'disfarçar'/'farçar' chama a atenção para o elemento de farsa, de simulação, presente em 'disfarçar', estratégia ilusória necessária para enfrentar a resistência em ver 'o que não ousamos compreender' (último verso da estrofe).